



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 2 DE OUTUBRO DE 2002.

Senhores Ministros de Estado, tão numerosos, aqui presentes, muito especialmente os Ministros que já se dirigiram a esta audiência, o Ministro Caio Carvalho, o Ministro Sérgio Amaral; Senhor Rogério Salles, Governador de Mato Grosso, que nos dá a honra da presença aqui; Senhores Parlamentares, numerosos, aqui presentes; Senhores Prefeitos, que não só foram agraciados com o Selo de Ouro, como ainda me deram o prazer de tirar uma fotografia junto com eles; Senhor Luiz Carlos Nunes, Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis; Senhoras e Senhores,

Primeiro, quero agradecer muito as palavras aqui proferidas, a presença tão numerosa das senhoras e dos senhores e dizer que, efetivamente, estamos assistindo no Brasil a uma modificação muito profunda em várias áreas, mas muito especialmente nessa área do turismo.

Não cabe a mim, menos ainda, citar números, até porque os senhores os conhecem melhor do que eu próprio poderia me recordar. Mas o que foi aqui mencionado e mais o que se vê no dia-a-dia mostram que o turismo realmente, finalmente, passou a se inserir como uma atividade produtiva no Brasil.

É uma atividade produtiva que tem características muito especiais, porque é uma atividade essencialmente, eu diria, moderna. Por quê? Primeiro, porque é cultura. Turismo é cultura. O fato mesmo de os nossos estudantes, agora, serem eles próprios os portadores de uma mensagem turística mostra que é o modo de dar a conhecer ao outro. Cultura implica uma relação, implica uma sociabilidade, e o turismo é o mecanismo de transmissão de informações e de conhecimentos, é cultura.

E disse aqui o Ministro, há pouco – até não gostei muito – “nada de praia e de sol”. Eu gosto de praia. Eu gosto de sol, Ministro. Não bastam praia e sol. A verdade é que turismo não se resume a praia e sol, efetivamente – foi o que ele quis dizer, e disse. Nesse sentido, o turismo implica também cultura, porque implica um conhecimento daquilo que é o legado artístico e cultural, mais amplo do que artístico, de um país. Nesse sentido, houve muita modificação no Brasil.

No Ministério da Cultura, o Projeto Monumenta, que está sendo levado adiante, é um projeto que preserva a nossa cultura material sob a forma dos monumentos, dos edifícios históricos, coisa que estava absolutamente à margem, abandonada no Brasil e, hoje, dá gosto de ver, em vários pontos do País. Acabei de homenagear Marabá. Mas em Belém, onde estive recentemente, o que foi refeito naquele Mercado Ver-o-Peso é uma maravilha. O que existe lá, na Igreja Santo Alexandre, enfim, é uma maravilha. Aqui, pertinho de nós, terra querida do Ministro Sérgio Amaral e minha, Pirenópolis, onde, infelizmente, uma igreja pegou fogo. Mas há três igrejas lá, fora o teatro que lá existe e que foi refeito recentemente.

Estou dando exemplos a esmo, do Pará e de Pirenópolis. Na verdade, vamos cuidar daquela muralha de que gosto tanto, lá de Corumbá. Pedi tanto ao Ministro que não a esquecesse, no Projeto Monumenta, porque é uma maravilha. Enfim, para que possamos, efetivamente, ter uma indústria de turismo. A palavra “indústria” é talvez porque se usa; mas é muito mais que indústria. Como eu digo, é uma forma de sociabilidade, é uma forma de educação, é uma forma cultural. Nós precisamos preservar a nossa memória histórica.

Mas não é só a memória histórica. É preservar também aquilo que é a vida do nosso povo. Não há turismo, hoje, se não houver também uma manifestação cultural contemporânea e popular, não só a erudita, também a erudita e a popular que mostrem a sensibilidade do povo. Temos isso no Brasil de uma maneira riquíssima. E estamos tratando de prestigiar, sob várias formas, inclusive sob as formas também, muito importantes, do trabalho artesanal. Está aí o Sebrae, o projeto de ação comunitária do Comunidade Solidária. Enfim, há muitos projetos que estão permitindo que essa riqueza, que é a própria vida do nosso povo, a sua expressão sentimental, como música, como artesanato, como escultura, participe também desse esforço, que, no fundo, é o que permite o turismo. Isso está acontecendo no Brasil.

E mais ainda: os Ministros mencionaram e tenho a satisfação de ver a quantidade de aeroportos que conseguimos construir no Brasil nesses poucos anos. São 14, muitos dos quais são grandes aeroportos: o do Rio de Janeiro, o da Bahia, o de São Luís do Maranhão, o de Curitiba, o de Porto Alegre, do Acre, em Rio Branco. Por todo o Brasil, nós construímos, reconstruímos ou ampliamos os aeroportos, porque isso é essencial. E também é essencial, dado o aumento não apenas dos vôos *charter*, que aumentaram por dez nesses anos, como também pelo fato de que nós temos novos cruzeiros que aportam no Brasil. É importante que se dê um tratamento muito especial aos nossos portos.

E, de fato, nós criamos portos novos, de vulto, de que eu me lembro, mas não sou especialista. Aqui tem quem saiba. Mas o porto de Pecém, o porto de Suape, o porto de Sepetiba são nomes que não havia há oito anos, não existiam como portos. Suape havia como projeto. Hoje são portos onde aportam navios. Sem falar no Rio Grande, que nós refizemos; sem falar em Paranaguá, sem falar no que foi feito no porto de Santos, sem falar no que foi feito no porto do Rio de Janeiro; sem falar que nós temos uma Lei de Portos que foi implementada. E a lei hoje é obedecida. Enfim, uma mudança considerável no que diz respeito à infra-estrutura que permite o turismo.

Mas nada disso funciona se não houver agências de turismo, se não houver Ministério do Turismo, se não houver uma disposição do Go-

verno de entender a importância dessa atividade como parte fundamental da inserção do Brasil, de uma maneira correta, no mundo. Hoje, nós temos que prestar muita atenção a essa teia imensa que é representada pelos agentes de viagem, pelas várias pessoas que se ligam ao turismo, pelas formas de financiamento do turismo.

Por isso eu determinei que no Simples fossem incluídas também as agências de turismo, para que nós pudéssemos simplificar mais a vida daqueles que trabalham nessa área. E na próxima medida provisória isso já estará contemplado de maneira adequada. Acho que nem o Ministro Caio sabia disso, porque essas determinações financeiras são tomadas com muita cautela, para que elas possam, efetivamente, frutificar.

E já que se falou de Minas, trata-se de uma riqueza cultural enorme, um turismo extraordinário de toda a parte histórica de Minas, que é uma maravilha, que os brasileiros precisam conhecer crescentemente e que faz parte também desse mesmo patrimônio. E já que falei de Minas, não vou me esquecer de São Paulo, senão eu não volto para casa.

É que o Brasil é, de tal maneira, rico na sua variedade que, efetivamente, nós podemos, enfim, modestamente, aproveitar essas mesmas vantagens, como a Espanha aproveitou, como a França aproveitou, como a Itália aproveitou. Talvez juntando o tempo, que o nosso tempo é mais escasso de transformação cultural que o deles, juntando essas riquezas naturais que são extraordinárias.

O Ministro mencionou os *lodges* que existem na Floresta Amazônica hoje. Hoje existem reservas florestais no Brasil que são absolutamente deslumbrantes. Eu cito sempre uma, que é Mamirauá, tenho um pessoal empenho por Mamirauá. Mas há muitas outras. Do Pantanal, então, nem se fala o que existe de riqueza natural. Enfim, há tudo isso. Mas tudo isso tem que estar inserido numa política, num concertamento de vontade para que, efetivamente, nós possamos ver os frutos se desenvolverem com o tempo. E está ocorrendo isso.

Os dados aqui citados, os bilhões de dólares – 4, foi dito – e os 5 milhões de turistas estrangeiros que vêm para cá, são frutos dessa política. Sem falar nos muitos mais milhões de brasileiros que viajam. Na verdade, a base do turismo é o turismo nacional, é o turismo dos nossos

próprios compatriotas, que conhecem melhor o Brasil, porque aprendem, uns com os outros, e assim até emulando um pouco, entre as várias regiões, de tal maneira que nós possamos mostrar aos brasileiros o que é a riqueza tão diferenciada deste imenso país.

Disso tudo, da existência de um projeto, da existência de uma política, de uma estratégia para essa área, é que resultou não apenas a formação do Ministério do Turismo e do Esporte, mas resultou também o fato de que nós, hoje, contamos com o turismo como uma das atividades fundamentais da economia brasileira. Por isso entrou para a Camex, por isso entrou para aquele foco de preocupação central do Governo, no momento em que o País todo sabe que o nosso dever é contribuir para que possamos gerar mais recursos em moeda forte. Isso é um truísmo. Só que o que hoje tanto se clama já está sendo feito.

Na verdade, às vezes, a gente custa a perceber os processos que já estão em marcha. O que aconteceu nesses últimos dois anos foi uma verdadeira inversão da tendência da nossa balança comercial. Eu ouvi, hoje, declarações do Ministro Sérgio Amaral, e eu já acredito nele – mesmo quando ele, no começo ano, disse que nós íamos gerar 5 bilhões de dólares, eu acreditei – agora ele disse que podemos chegar a 10, a 9,5. O 10 é meu.

O fato é que nós estamos gerando uma massa de recursos já muito apreciável, de tal maneira que o famoso gargalo da nossa vulnerabilidade externa está caindo para 14 bilhões de dólares, 15 bilhões de dólares. Para um país que tem um produto de 600, 15 bilhões, francamente, é nada. Claro que é melhor não ter nem esse gargalo, mas é muito pouco. E se começa a propor políticas como se fosse iniciar-se um processo que já está em marcha. Nós reviramos pelo avesso a tendência na balança comercial. Já nós estamos fechando as nossas dificuldades com balança de pagamentos; isso está em marcha. E o turismo passou a estar inserido nesse processo, porque ele gera recursos. Gera recursos externos e na moeda forte, o que é importante, e gera emprego, que são, talvez, as duas áreas mais sensíveis do Brasil. Há necessidade de nós reduzirmos a vulnerabilidade externa e de nós ampliarmos as oportunidades do tra-

balho. Logo, o turismo está no centro mesmo da atividade econômica nacional.

Seria um erro imaginar, como alguns no passado imaginaram, que é possível pensar um país tão grande como o Brasil, com um potencial que já é de realização tão forte, como o Brasil, em termos de uma só atividade. Houve épocas em que se imaginava que o desenvolvimento dependia da indústria. Isso fazia crer que a agricultura já não seria tão central. Hoje, todo mundo percebe que a *agrobusiness* é tão importante quanto outros tipos de indústria, que a agricultura agrega tanto valor quanto outros tipos de atividade econômica e que o Brasil depende, crescentemente, da sua capacidade exportadora agrícola. Certamente não em detrimento da exportação industrial, mas em complementação.

Pois bem, foi esquecido o setor de serviços. Agora já não se pode mais. Agora é preciso entender o processo de transformação de um país, do crescimento, na diversidade de suas dimensões. E podem estar, os senhores e as senhoras, certos de que a dimensão do serviço é fundamental e que, nela, o turismo ocupa naturalmente um lugar de relevo.

Tanto é assim, que hoje nós assistimos a um fato inédito: o Chanceler do Brasil, o Ministro de Relações Exteriores, assinando acordos sobre o turismo. É uma coisa muito significativa. Normalmente, o Chanceler cuida de política externa. Agora nós estamos vendo que a política externa inclui a dimensão do turismo, duplamente, pelos acordos assinados, não só com as Embaixadas lá fora, como pelo treinamento dos nossos diplomatas aqui dentro, numa cátedra sobre a importância do turismo para a nossa economia.

É outro país, é outra mentalidade, é outra maneira de perceber o significado das novas formas de relação econômica, das novas formas de convivência internacional e de reconhecer que, efetivamente, o turismo é parte central desse processo.

Por todas essas razões, eu só posso estar feliz de vê-los aqui, de ouvir o que eu ouvi, e tenho que agradecer o que recebi do setor hoteleiro, que é outro pé fundamental do nosso desenvolvimento turístico. Se não houver hotéis bons e relativamente baratos, é impossível haver uma atividade continuada de turismo. Muito há o que fazer aí e nas várias

categorias de turismo, desde as mais sofisticadas. E agora, crescentemente, as mais sofisticadas têm campos de golfe, como as mais simples, que requerem um tratamento adequado e um custo que não seja muito elevado.

De modo que, ao vê-los todos, aqui, e receber esta placa de homenagem, fico muito satisfeito. Naturalmente, para quem se aproxima do fim de dois mandatos, sempre dá gosto ver que algo foi feito. E esse algo foi feito não por mim, mas por todos nós. Que esse algo signifique uma mudança efetiva nas condições de vida do Brasil, nas possibilidades do Brasil e na nossa imensa capacidade de continuar crescendo como uma grande nação.

Muito obrigado a vocês todos.